

SABERES

Rezadeiras

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Quem são?

São mulheres que possuem o “dom da cura” por meio do qual atendem pessoas que as procuram com queixas de problemas físicos e espirituais, por vezes não resolvidos por meio da medicina convencional. Elas detêm o conhecimento das plantas e seus derivados que junto a preces, orações e banhos oferecem tratamentos para curar males das esferas espiritual e física. Os atendimentos são feitos em suas próprias casas, abrindo suas portas de forma generosa para receber os pacientes.

A partir da religiosidade popular, essas rezas são feitas através do saber tradicional, transmitido por gerações, onde vemos um forte senso comunitário e familiar; conhecimentos passados de avó para mãe, de mãe para filha, ou de sacerdotisa para iniciada. Em geral, está relacionado ao dom espiritual que dá a essas mulheres o discernimento para ajudar as pessoas que as procuram:

“(…) somos aqui como os oradores dos Santos porque tudo que os Santos querem, e o que pedem, a gente vai e faz.” (Mãe Tita)

As Rezadeiras oferecem seus serviços sem custos aos pacientes, embora sejam bem-vindos os auxílios para manutenção dos espaços, sempre humildes e sobretudo acolhedores. Nos rituais de reza e benzimento são utilizadas ervas e plantas colhidas nos próprios jardins que as rezadeiras cultivam em suas casas. Mãe Tita, moradora do Loteamento Nazaré, fala da utilização de uma dessas ervas para cuidar das crianças com “ventre caído”:

“Faz a prece da gente, pega a criança pelo pé, pendura três vezes, ela vai pra cá, faz a nossa



Rezadeira.
Foto: Josivan Rodrigues

prece. Depois a gente retorna novamente, passa um banhozinho de colônia pra ele tomar, um pouquinho, e também pra dar um banho.” (Mãe Tita)

As casas dessas mulheres são os espaços de acolhimento e também dedicados a celebrações e rituais que envolvem um conhecimento ancestral onde o bem maior é a felicidade em que as pessoas encontram no cuidado dispensado. Para elas, quem cura é a divindade:

“E é assim que quando eu rezo, com o pensamento no Senhor e pedindo para aquela criatura ficar boa, aquela criança e aquela criatura fica boa.” (Mãe Lúcia)

A cura é produzida por meio de orações silenciosas ou vocalizadas e podem envolver banhos, os quais são revelados no momento da reza.

O poder de cura e a disponibilidade para cuidar, oferecendo o seu ofício para o bem estar das pessoas, são reconhecidos pela sua comunidade da qual as rezadeiras fazem parte. Para Mãe Lúcia, rezadeira de 67 anos de idade, residente na Vila da Fábrica, próximo à Queda D’água, lugar de culminância da Caminhada de Osùn (bem cultural registrado na 1ª. fase do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe), o ato de rezar possui efeito prático na vida das pessoas:

DESCRIÇÃO DE IMAGEM: Foto colorida na horizontal de uma pessoa vista parcialmente, da altura dos ombros.. Ela está com os braços apoiados e as mãos juntas sobre uma mesa. A pessoa tem pele parda, usa pulseiras de micangas coloridas, guias, e dois anéis de prata. Veste uma camisa de mangas curtas e azul. A mesa está forrada com um tecido branco de estampas vermelhas.

Pessoas Envolvidas

A prática das rezadeiras se dá por meio da conexão delas com a espiritualidade, com as energias e seres divinos junto às pessoas que as procuram. Essa atividade é feita de forma individualizada, entre rezadeira e paciente. Há, contudo, outros agentes inseridos na prática, as famílias dos pacientes, os fiéis e a comunidade que também ocupam e se envolvem com aquele espaço, o comércio que vende os insumos necessários para o trabalho, armarinhos, lojas de tecidos, casas que vendem ervas etc.

SABERES

Rezadeiras

Significados

O ofício das Rezadeiras e benzedoras deriva de um dom que é recebido e é posto em prática a serviço do povo que precisa de ajuda nas comunidades onde estão inseridas. É a valorização dos saberes adquiridos ao longo dos anos, por meio das divindades e dos conhecimentos adquiridos com outras Rezadeiras que realizam essa mesma atividade dentro do município ao longo do tempo.

Essa prática possui um significado que chamamos de cura, por meio das mãos das Rezadeiras, que são instrumentos de cura. Não se trata de um adendo às práticas da medicina convencional, mas uma ciência própria que dialoga com o conhecimento formal e científico.

Assim, por estarem inseridas em comunidades, suas casas são pontos de referência no bairro, e muitas pessoas lhes procuram para atendimentos, pois muitas vezes encontram dificuldades de acesso ao sistema público de saúde.

São reconhecidas como pessoas importantes e suas casas são identificadas como lugares de referência do sagrado, onde buscarão e encontrarão a cura, por meio da prática das rezas dessas mulheres.

“Olha, às vezes, tem gente que está com um atrapalho na vida, sem emprego. Está sofrendo, diz que nada dá certo na vida. Ai vem aqui o rezo. Teve gente que passou. Que nunca me conheceu há muitos anos, nunca tinha vindo, veio, se resolveu e tudo deu certo. Adulto ou Criançinha.” (Mãe Lúcia)

Embora este universo tenha o protagonismo das mulheres, existem homens que desempenham a função de rezadores na cidade de Camaragibe, como informa a rezadeira Shirlayne Borges, da comunidade de Vera Cruz em Aldeia. Ela, que é uma mulher jovem e que possui o dom, nos conta:

“Sim, tem eu como rezadeira, Shirlayne! Eu rezo. Tem o nosso sacerdote Gilmar Camará, tem a Sacerdotisa Janaina Camará também, que reza, e a sua Mãe também [...] Que essa ancestralidade vem dela, né? A Mãe dela, a Bisavó dela, que é Mãe Zeza de Iemanjá também.” (Mãe Shirlayne)

História

Falar da história das rezadeiras em Camaragibe é buscar ouvir, analisar e compreender o papel dessas mulheres em sociedade nos dias atuais e entender sua relação com as divindades religiosas as quais estão atreladas e como se dá essa pertença que as leva a atender, consultar e curar males físicos e espirituais por meio de seu dom, de sua fé.

Esse dom é recebido de Deus e pode se manifestar desde criança ou também pode ser adquirido ao longo dos anos por meio de ensinamento de pessoas mais velhas para aquelas que assim sentem em seu interior o chamado para essa atividade de rezar as pessoas.

“Eu tinha 17 anos, fui escolhida pela espiritualidade, chamada, porque tinha o dom da cura. Eu aprendi não só pela espiritualidade, mas também com meu sacerdote.” (Shirlayne Borges)

Shirlayne diz ainda que desde criança via seus familiares procurarem alguém para rezar seus filhos e netos, mas nunca imaginou que um dia fosse ela que assumiria tal função.

É comum as rezadeiras manterem vínculos com diferentes vertentes do sagrado, pois mesclam a fé cristã com conhecimentos ancestrais do Candomblé, da Umbanda e/ou da Jurema. Para elas, a “reza” e o “trabalho” são coisas distintas, e em suas narrativas é presente o predomínio da reza como algo dado, que elas seguem de acordo com o que lhes é revelado no momento do processo ritual.

“As etapas são: primeiro do que tudo a gente reza o Pai Nosso: reza o Pai Nosso, a Ave Maria, Santa Maria, Salve Rainha e oferece ao anjo da guarda daquela pessoa e faz suas preces assim, seus pedidos, sobre aquela criança. Assim: se foi colocado aquele olhado naquela criança, se foi boniteza, numa feiura, numa magreza, numa comida, numa roupa.” (Mãe Tita)

Para as rezadeiras, as suas rezas servem para curar um mal olhado que alguém colocou, uma “espinhela caída”, um desânimo, uma fraqueza, e nos narram ainda que a grande maioria das pessoas que lhes procuram são pais e mães com crianças de colo. Em entrevista, uma delas nos conta que a reza é algo tão importante que já aconteceu de alguns médicos encaminharem algumas crianças para serem tratadas através das práticas das rezadeiras. As rezas podem ser consideradas como uma ciência complementar, como nos relata Mãe Tita, ao compartilhar um fato ocorrido com uma criança sete anos de idade:

“Essa menina não come, não dorme, não quer saber de ninguém. Foi pro médico aqui, no Barão de Lucena, mas ele disse a ela: ‘Olha... A senhora conhece uma benzedora?’. Então, esse médico é entendido. Ela disse: não conheço, não, mas posso procurar. Então, o médico disse: ‘Procure uma benzedora e leve essa menina que ela não tem

SABERES

Rezadeiras

doença. Essa menina não tem nada, está precisando mais é de uma reza forte.” (Mãe Tita)

As rezadeiras de Camaragibe, por estarem atreladas às religiões de matriz africana, indígena e católica, podem ser frutos das presenças de imandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que possuíam presença em São Lourenço da Mata, no Centro, no distrito de Matriz da Luz e na cidade do Recife, ambas muito próximas à Camaragibe. Podemos assim dizer que essas rezadeiras possuem como especificidade os atendimentos em seus templos sagrados, que recebem nomes distintos: Quilombo, Terreiro, Tenda, entre outros.

Onde está?

O bem aqui abordado vai além de um local físico, pois as pessoas que ali se dirigem, vão encontrar uma casa, um espaço, um terreiro, e nele vários elementos simbólicos e a energia que emana dessas mulheres e os conhecimentos que adquiriram ao longo do tempo. As técnicas utilizadas para iniciar e se fazer a reza, o ritual que se segue durante a mesma, a vela que se acende, a toalha que forra a mesa, o galho de erva que é utilizado e que murcha ao fim da reza, a água que se utiliza para preparar os banhos, dentre outras técnicas que apenas elas dominam. Assim, podemos observar um local simbólico e cheio de representatividades, com acompanhamento e retorno das pessoas quando é preciso.

Períodos Importantes

Para as rezadeiras, todos os momentos são importantes, seja o ofício da reza em si, o momento da história de seus chamados, seus dias de iniciação na religião, nos momentos de vida, pois a noção do tempo é algo contínuo. Mesmo quando não há atendimento, essas

mulheres se ocupam em cuidar de suas casas e de si, buscando se manter na preparadas para lidar com as situações que possam surgir como demanda da comunidade que tem nelas verdadeiras guardiãs dos saberes ancestrais.

“Eu não tinha luz, não tinha nada onde eu morava com minha mãe. Eu ,quando saía de dentro de casa, o povo gritava. Eu não sabia de nada porque eu era muito pequena e ninguém me ensinava nada. O povo gritava: lá vem aquela cigana, o povo dizia. E eu não sabia o que era isso. Era pequenininha, vivia dentro do armário. Eu não sabia de nada. Quer dizer, em todo canto que eu ia andando, aí, o povo dizia, me chamava de cigana. E eu fui crescendo e continuou. Então eu trouxe já o dom, que quando vim a terra, de ajudar quem precisa, de rezar. Entendeu?” (Mãe Lúcia)

Para Mãe Lúcia, a infância foi o momento mais importante para ser quem ela é, pois ainda jovem escutava pessoas falarem sobre ela, como se a mesma fosse uma cigana, uma vidente. A história de vida dessas mulheres ainda é caracterizada pela sua atuação em suas comunidades. Pois a partir de seus territórios, as pessoas vão criando identidade com elas e um elo de respeito muito grande, assim como aconteceu com mãe Lucia que recebeu o “título” de Rainha:

“[...] e o povo me chama de Rainha da Mata. Já fui Rainha da Mata. Sabe onde eu trabalhava querido? Na Beira do Rio, de noite e de dia, abastecendo a Braspérola aqui embaixo.” (Mãe Lúcia)

Dessa forma, é possível observarmos que sua atuação e trajetória fazem com que Mãe Lúcia seja respeitada e reconhecida na comunidade. Mãe e Rainha da Mata são os títulos que reverenciam seu trabalho de longa data à frente do seu Terreiro e seu papel de zeladora do meio ambiente e dos recursos naturais.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Materiais

Os materiais utilizados são simples e fáceis de serem adquiridos. Podemos mencionar as velas, pois para as rezadeiras o local precisa ser um local de luz. Vestimentas na cor branca que faz referência a Oxalá, uma vez que essas mulheres são iniciadas no Candomblé ou na Umbanda, e ervas. As rezadeiras costumam manter em suas residências jardins onde cultivam suas próprias ervas. Quando há necessidade, podem comprar ou coletar “no mato” as ervas que não possuem em suas casas.

Objetos Importantes

As ervas são consideradas sagradas pelas rezadeiras. Essa energia é utilizada no momento das rezas e também nos banhos prescritos para alguns dos pacientes quando há necessidade. Um cordão é usado como instrumento para medição do tórax do enfermo para verificar diagnóstico de “peito aberto”, ou “espinhela caída”. Já as velas são utilizadas para iluminar o trabalho e oferecer ao anjo da guarda do paciente. Outros objetos que se destacam são as guias, colares usados pelas rezadeiras, próprias das pessoas iniciadas na religião do Candomblé e da Umbanda .

Expressões Corporais

As rezadeiras buscam cuidar do momento como algo silencioso e de muita conexão com o divino. As expressões se desenvolvem ao redor do paciente, que permanece sentado, e movimentos ao redor da área a ser tratada, se for uma doença localizada. Caso se trate de um mal olhado, os movimentos se dão em torno de todo o corpo, onde o ramo de ervas é passado. Durante a reza, enquanto a rezadeira vai passando as ervas, o ramo vai murchando, o que é compreendido como um sinal de que a enfermidade está sendo tratada e o mal curado.

Expressões Oraís

As rezas são feitas por meio de uma conexão terrena com o sagrado, podendo variar entre orações mentais e verbais. Mãe Lúcia diz que a reza pode ser pronta: “Reza pronta, assim que eu rezo, é como você disse, Ave Maria, Pai Nosso, Creio em Deus Pai, essas coisas assim que eu faço. E espiritual já é um banho, é uma erva.” (Mãe Lúcia).

A oralidade é aspecto bastante presente, vai desde o acolhimento do paciente até o momento da reza em si. Tais rezas reverenciam as suas divindades, por meio de orações cristãs, bem como orações que só elas sabem e que foram aprendidas ao longo do tempo, por meio da transmissão de saberes e também rezam a partir da intuição, muitas delas de maneira silenciosa, onde materializam-se através do sussurrar e de suas expressões corporais.

Já Mãe Tita, aos sete anos de idade, se encontra com a divindade e recebe o chamado. A rezadeira é a sacerdotisa da “Tenda da Cabocla Jacira”, Terreiro de Umbanda instalado nos fundos da sua residência. Ela nos conta que seu chamado surgiu de forma livre, enquanto criança e que o dom das rezas veio acompanhado desse chamado, pois a mesma recebeu o dom, mas também aprendeu em parte com sua Avó a prática das rezas. Sobre seu chamado, ela nos conta:

Aí, quando foi uma noite, me procurou e eu não tava em casa. Aí, foram me procurar. Mãe disse que eu tava dentro do mato assentada. [...] Eu estou procurando cobra, (falei a) meu pai (que) disse: por que você quer cobra? Eu falei: cobra é pra eu brincar. Aí, eu subi num pé de pau bem grande, aí, eu disse: ali onde ela tá. (Meu pai) disse que eu me pendurei num galho de mato, fiquei me balançando, pulei embaixo, mas não me machuquei, depois ele me trouxe para casa com medo. Não deu sete dias, de novo. Dessa vez, realmente, não é mentira. Ela já tava brincando com a cobra. (Mãe Tita)

Mãe Tita foi crescendo e se identificando com sua divindade, onde posteriormente, já na fase adulta, foi iniciada e se tornou Sacerdotisa de sua Tenda. Segundo ela, outras pessoas de Santo falavam de seu futuro e uma das suas narrativas como falas importantes que marcaram sua vida, foi quando um destes lhe disse:

“[...] aí, ele me dizia: ‘olhe, uma coisa vou dizer a você: você ainda vai ter sua casa. Você ainda vai ter seus filhos de santo. E você vai ser uma boa rezadeira.’” (Mãe Tita)

E assim se constituiu a figura de Mãe Tita que há algumas décadas reside no mesmo endereço no Loteamento Nazaré em Camaragibe, e costuma desenvolver atividades sociais como distribuição de doces e lanches durante a celebração de Cosme e Damião, bem como alimentos, como sopa e munguzá.

Modos de Fazer ou Técnicas

Existem rezas para crianças e rezas para adultos. No caso das crianças, quando elas chegam, podem ficar no colo da mãe ou do pai e, a partir do relato deles, busca-se uma erva para começar a reza, tendo a mesma no cultivo da rezadeira, ela inicia o processo. Caso não tenha ali, busca-se em outro local ou se compra. Essa reza é feita no espaço sagrado dessas mulheres: terreiro, tenda, quilombo, suas casas

Acende-se uma lâmpada e uma vela, onde a reza pode ser feita de modo silencioso ou audível e a duração de tempo pode variar muito de acordo com a enfermidade identificada no paciente. Existem enfermidades que são tratadas em apenas alguns minutos de reza, e existem aquelas que são feitas em dois ou três dias seguidos. Quando a rezadeira compreende que não é um mal a ser curado com a oração, ela pede que o paciente procure uma clínica médica.

Os movimentos são realizados com as mãos segurando um galho ou um ramo de ervas ao redor do local da enfermidade e demais áreas importantes do enfermo. Alguns desses movimentos, a depender da enfermidade e do local do corpo, são feitos em formas de cruz, três vezes seguidas. Se for preciso um banho, a rezadeira indicará as ervas e o modo de preparo.

O que diferencia o tratamento entre crianças e adultos é que no caso das primeiras há a necessidade do acompanhamento dos pais. As orações proferidas também são diferentes das orações feitas para crianças e podem ser rezas prontas ou por meio de intuição que vem em suas mentes naquele momento.

“Elas chegam aqui, a gente faz a triagem, a gente conversa para saber. Daí, a gente vai, reza, vê os sintomas. Aí, se precisar de medir para ver se tá com peito aberto, espinhela caída, se precisa de um banho, se precisa fazer alguma coisa a mais do que um banho, a

SABERES

Rezadeiras

Existem rezas para crianças e rezas para adultos. No caso das crianças, quando elas

Transmissão do Saber

A prática das rezas é derivada de um dom, e esse precisa ser repassado às demais gerações. Porém, existe a questão do chamado — é preciso a pessoa querer e entender que esse chamado é para uma missão por toda vida e os dons não devem ser apenas para si, mas para os outros.

O saber das rezas pode ser adquirido de forma individual, em conexão com o mundo espiritual, onde a pessoa sente o chamado desde a infância ou adolescência e/ou por meio de trocas de experiências com outras pessoas que já realizam essas práticas: Mãe Lúcia, desde pequena, recebeu o chamado e aprendeu a rezar sozinha; Mãe Tita, a partir de uma experiência, uma revelação, que se manifestou através de uma cobra; já para Shirlyne teve o chamado da espiritualidade e foi adquirindo também conhecimentos do sacerdote da sua comunidade.

Assim, a transmissão do saber é importante, porém não é qualquer um que pode recebe-lo, pois a missão de uma rezadeira é para toda a vida. Há uma dedicação de vida dessas mulheres ao ofício que desempenham.

Roupas e Acessórios

Embora as rezas possam ser feitas com vestimentas de qualquer cor, há uma preferência por roupas brancas, em referência ao Orixá Oxalá. No tocante aos acessórios, destacam-se torsos, espécie de turbante, utilizados na cabeça, guias de orixás no pescoço, e cordões da planta Ave Maria que são característicos do Quilombo dos Camarás.

Estrutura e Recursos Necessários

As rezas podem ser feitas em qualquer espaço, não necessitam de um espaço específico ou de um templo para sua efetivação. Porém as entrevistadas fazem seus atendimentos em espaços anexos às suas residências que servem de culto voltados para o Candomblé, à Jurema e à Umbanda. Tudo isso acontece em sincretismo com o catolicismo, uma vez que a estrutura das rezas também é composta por orações da religião Católica e as rezadeiras afirmam que a fé em Deus é primordial para o seu trabalho.

Fontes Consultadas

Entrevistas

Mãe Tita; Mãe Lúcia; e Shirlyne Borges

Bibliografia

LOVO, Arianne Ravis. Mulheres preparadas: fazendo corpos e “caminhos” a partir das rezadeiras Pankararu. Ruris, Campinas, SP. V. 12. N. 02, set. 2020.

SILVA, Araci Farias. O Papel das Rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. Revista Espaço Acadêmico – Ed. Especial – Agosto/2021. Ano XXI.

SILVA, Maria Clemilda da. Xô olho Grande! As ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Recife, 2022.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Avaliação

Apesar da importância da figura das rezadeiras no processo de curas místicas em Camaragibe, esse conhecimento é ofuscado pela sociedade e pelas religiões contrárias a tais práticas. No entanto, o acesso a essas mulheres tão importantes pode ser super fácil e nunca será negado, por parte delas. É possível pensar em adequações que permitam maior visibilidade a essas mulheres.

Recomendações

- Reconhecimento do Ofício das rezadeiras como Patrimônio Cultural Imaterial;
- Integração social destas mulheres através de políticas públicas;
- Projetos culturais para ampliar o alcance de seus saberes, através de financiamento público ou privado;
- Ações para garantir direitos trabalhistas sobre suas práticas;
- Ações de valorização e reconhecimento que envolvam as comunidades.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Sobre a pesquisa

Este material, integrante da segunda fase da pesquisa do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe, foi desenvolvido no âmbito do projeto Patrimônio Camaragibe (n° 10858-152872), realizado com o incentivo do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura – Funcultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco.

Os resultados da pesquisa estão disponíveis gratuitamente no website do projeto, acessando o endereço ou o Código QR abaixo.

www.patrimoniocamaragibe.com



SABERES Rezadeiras

Expediente

PATRIMÔNIO CAMARAGIBE

IDEALIZAÇÃO

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Ticiano Sá

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Cássio Raniere

PESQUISA FOTOGRÁFICA

Josivan Rodrigues

ASSISTENTES DE PESQUISA

George Messias
Neilton Félix

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues
George Messias
Neilton Félix

DESIGN GRÁFICO E WEBSITE

Josivan Rodrigues

ASSESSORIA DE IMPRENSA E MÍDIAS SOCIAIS

Dupla Comunicação

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

Jaks Interpretações
Manuel Borges (audiodescritor)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Anderson Santos
André Cardoso
Dona Marilene
Edmar Fernandes
Elaine de Oxum
Mãe Janaina Camará
Mãe Lúcia
Mãe Mirts Camará
Mãe Shirlyne Camará
Mãe Tita
Márcio Souza
Marcone da Laia Alágbé
Meŝtra Fáúma
Meŝtre Aureliano (in memoriam)
Meŝtre Zé Negão
Moabia dos Anjos
Pai Gilmar Camará
Pai kenyt Camará
Pai Ném (in memoriam)
Rosinalva da Silva
Severino Ramos
Tony Leal

PARCEIROS

Fundação de Cultura de Camaragibe
Secretaria de Educação de Camaragibe
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes
de Glória de Goitá
Museu do Mamulengo de Glória de Goitá
Associação dos Mamulengueiros e Artesãos
de Glória de Goitá
Museu Comunitário de Poço Comprido
Associação dos Filhos e Amigos de Vicência
Secretaria de Educação, Cultura e Esportes
de Vicência